

# MOLDURA FLORÍSTICA ÀS OBRAS DE ENGENHARIA RURAL

A. J. de Sampaio

Consultor Técnico do C. N. G.

“O dever de quem pensa, é criar motivos de permanência, traçados de fixação”.

(TRISTÃO DE ATAÍDE — *O Movimento Modernista*).

Sob o ponto de vista biogeográfico, é sempre difícil o estudo do *habitat* rural, por muito complexo, muito complicado mesmo; são inúmeras as questões em que se subdivide e que, de regra, nem mesmo nos congressos de Geografia, de Demografia ou de Economia Política, chegam a ser estudadas em tôdas as suas minúcias.

Cada localidade rural tem suas particularidades, embora análogas por vezes, a serem estudadas *in loco* por técnicos que tenham uma parte no assunto ou que, pelo menos se refiram a questões rurais, em crônicas de viagens ou estágios em nosso *hinterland*.

O meu caso é o de um botânico, especializado em Fitogeografia e que, tendo pendor particular pela feição dinâmica das ciências, estuda no presente artigo o concurso de plantas que, devendo ser instaladas junto ou em tórno de obras de Engenharia Rural, como *moldura florística*, podem prestar simultaneamente valioso concurso à solução do problema alimentar das populações pobres.

A minha tese é, em síntese, a seguinte :

*“Se dermos a cada obra de Engenharia Rural uma moldura florística, embora sóbria, compreendendo, além de plantas ornamentais, algumas fruteiras, chegaremos a reconstituir em nosso hinterland o vasto pomar aberto que o caracterizava outrora”.*

---

Apresso-me em declarar que nada tem de original aqui essa idéia de fruteiras em vias públicas; há exemplos, assim a linda Avenida das Mangueiras em Belém do Pará, e as remanescentes em rodovias no Estado da Baía, mencionadas por A. TÔRRES DE MELO, em artigo *Arborização das Estradas*, em *Chácaras e Quintais* (Fev. 1940), recomendando o plantio de árvores frutíferas. Aliás, na Alemanha, informa essa “Revista” (Dez. 1939), tôdas as estradas são arborizadas com fruteiras, exceto apenas as das regiões em que não vingariam. Eis um grande exemplo, a adotar como norma.

Sem exagêro, é claro, e segundo as regras agrônômicas; não há perigo de exagêro, por se tratar de realização de ordem estética; a propósito ensina uma de nossas Antologias que, segundo DIDEROT, — “há mil pessoas de bom senso para uma de gôsto; e mil pessoas de gôsto, para uma de gôsto requintado”.

*Chácaras e Quintais*, em seu número de Dez. 1939, abriu um interessante concurso, relativo a arborização de estradas, e inquire justamente se devem ser preferidas fruteiras, em vez de árvores florestais.

Aquí me limito a um incentivo a essa ordem de estudos, no sentido de uma permanente fartura alimentar em nosso *hinterland*, onde se verifica o conceito antropogeográfico, expresso por Ovídio CUNHA em seu livro *O Homem e a Paisagem*, de “sermos na realidade um país que não tem em abundância fontes de alimentação”. E que, “se podemos dizer que o Brasil não é país de fome social, é, por outro lado, organização geo-política de fome geográfica”.

E’ evidente que a destruição das fontes naturais da vida, como ponderou ALBERTO TÔRRES, tenderia à exaustão de que resultam os desertos, isto é, à desertização segundo HUGUET DEL VILLAR, se não ocorressem ao homem inteligente os diversos modos de compensação ou reconstituição; mas, para as populações pobres há sempre necessidade de um coeficiente natural de plantas alimentares,

caça e pesca, de que lhes advenham alguns alimentos gratuitos, a assegurar-lhes a subsistência, na vida por vêzes simplesmente vegetativa, semelhante à do homem nos velhos tempos paleolíticos, quando se limita à caça, à pesca e à colheita de frutos, raízes e tubérculos; e passa a ser regime neolítico, quando à colheita de alimentos espontâneos alia a pequena lavoura.

Em parte, a população sertaneja repete êsses regimes pré-históricos, a cujo propósito o eminente General RONDON dissertou, de modo magistral, em seu recente trabalho sobre *Etnografia*, na *Revista Brasileira de Geografia*, de Outubro 1940.

E' por isso relevantíssimo o objetivo dos Aprendizados e das Colônias agrícolas, assim como dos Clubes Agrícolas Escolares, no sentido de preparar as novas gerações no amanhã da terra.

Convém lembrar que não se precisa dizer "homem rural e sua família", pois, segundo GILENO DE CARLI (*Civilização do Açúcar, Revista Brasileira de Geografia*, Julho 1940, pág. 356), o "homem rural, socialmente considerado, é a reunião de três pessoas: — marido, mulher e filhos"; quando digo, pois, homem rural, refiro-me a essa entidade, como chefe de família e elemento demográfico e de trabalho.

GILBERTO FREIRE, em recente entrevista a *O Jornal* (de 5-Jan.-1941), focalizando contrastes da alimentação nas diversas regiões brasileiras, salientou a grande importância do inquérito que está sendo feito a êsse respeito pelo Ministério de Educação e Saúde; mostrou que em umas regiões há "alimentação melhor e mais equilibrada, com fartura de leite, manteiga, queijo e legumes e melhores condições higiênicas".

De sua parte, o Ministério da Agricultura realiza também um importante inquérito sobre a vida rural; será outra vultosa contribuição ao estudo minucioso do assunto, a juntar às investigações que o Ministério do Trabalho vem divulgando, e já no terreno prático da montagem de restaurantes populares urbanos.

Trabalhos de vários autores, sobre a alimentação no Brasil, cooperam nessa ordem de conhecimentos, tendentes a fazer de nosso trabalhador e de cada brasileiro em geral, uma pessoa sadia e robusta, atributos que em parte dependem de adequada alimentação.

Aquí me limito a focalizar um modo de promover a abundância de *alimentos vegetais gratuitos*, para o homem rural pobre, mediante plantio disseminado de fruteiras em logradouros públicos rurais, como extensão prática das realizações visadas pelos Clubes Agrícolas Escolares, quanto a horta e pomar junto de cada habitação rural; e lembro a êsses clubes que o problema doméstico do leite e da manteiga nos lares pobres pode ser resolvido em certos casos mediante cultura caseira da soja brasileira, a que se vem referindo H. LÖBBE, em sucessivos artigos em *Chácaras e Quintais*.

A fartura de fruteiras em logradouros públicos, guardados os limites das conveniências, poderá também resolver a questão do coeficiente de frutas nas merendas das escolas rurais e urbanas, e bem assim em asilos, hospitais, etc.; a própria natureza poderá fornecer muitos alimentos gratuitos a quem não os possa comprar, mas é preciso adaptá-la a esta nova necessidade, uma vez que a riqueza espontânea já foi em grande parte destruída.

### O presente estudo é dedicado aos jovens geógrafos e a engenheiros rurais

"Basta um cipreste, a mais nobre das árvores, para enobrecer um retalho de campina" — (AGRIPINO GRIECO — *S. Francisco de Assis e a Poesia Cristã*).

Escrevendo aquí especialmente para geógrafos que percorram o nosso *hinterland* e para os engenheiros que aí realizam obras de Engenharia Rural, julgo dispensáveis vários detalhes que só interessam a outros profissionais.

Quanto aos geógrafos, cumpre salientar a importância das observações que consigam fazer êles próprios, quando em viagem pelo nosso interior, sobre a alimentação popular, de que por vêzes coparticipam; tais observações são interessantes, dada a extensão de nosso *hinterland*, a qual não permite presteza nos inquéritos oficiais ou particulares, visando saber como se nutre o homem rural em cada localidade.

Quanto aos engenheiros, parece-me que ainda não lhes foi focalizado o tema *Moldura florística às obras de engenharia rural*, pelo menos de modo a facilitar-lhes um seguro discernimento na escolha das espécies a usar na arborização

das estradas, no adorno de cabeços de pontes, em torno dos pousos de aviões, à margem dos açudes, de canais de irrigação, etc., e bem assim, sobre os vários modos de fazer o plantio fácil das espécies a figurar em cada moldura, seja o plantio de semente no local em que tenha de ficar a planta definitivamente, seja por meio de muda ou por *estaca*.

Esses três modos de plantar são facilmente praticáveis por qualquer pessoa; sempre, porém, que se trate de grandes trabalhos, é de bom aviso que se entregue a direção a agrônomo e até mesmo, de preferência, a agrônomo especializado em Arquitetura Paisagista.

No caso, porém, de plantios menores que geralmente são feitos por práticos, não há necessidade de grandes minúcias técnicas.

A propósito do plantio direto por semente que se coloca no lugar em que tenha de ficar a árvore, é interessante indicar como padrão o chamado *Método de Melders*, assim explicado pelo *Bulletin de la Société Botanique de France* (n.º 7-8-1931):

“En silviculture, les semis naturels sont plus forts et reussissent toujours mieux que les semis tels qu'on le pratique ordinairement, c'est-à-dire après un labour, dont le résultat est de modifier, de façon défavorable pour les plantes forestières, les qualités du sol. Partant de là, la methode proposée consiste à s'abstenir de tout defonçage et ouvrir seulement une légère rainure pour y déposer les semences, sans déranger aucunement le sol ni la végétation environnante. On y gagne une bien plus grande facilité d'exécution, à un prix infiniment moins élevé, et même une plus grande preservation des semences contre les oiseaux depredateurs ou les insectes”.

Muitas árvores frutíferas ou mesmo florestais, podem ser plantadas assim de semente, diretamente no local em que tenha de ficar cada árvore, plantio que se faz em sulcos abertos em campo ou vertente a florestar, sem prévia aração geral do terreno; ou em covas feitas a enxada ao longo das estradas, por exemplo, também sem prévia limpa de vegetação, em torno das covas, quando se quer plantar somente uma série de árvores, sem se poder sulcar o terreno.

Sempre que possível, deve ser estrumada a terra, a ser colocada sobre a semente em cada cova; ou terra vegetal, de cisco acumulado; o plantio deve ser feito depois que tenha começado a época das chuvas, para dispensar o trabalho das regas, se não chove.

Pode-se assim obter facilmente uma série de árvores ao longo de estradas, com o simples trabalho de abrir covas e dispor em cada uma destas uma ou duas sementes férteis das árvores visadas: — mangueiras, jaqueiras, paineiras, ipês, araribás, mamoeiros, limoeiros, cajueiros, etc..

Mais difícil é o plantio da fruta-pão, porque a multiplicação desta árvore faz-se geralmente por meio de mudas oriundas de raízes superficiais, previamente excitadas para a brotação.

Também se deve intercalar bananeiras, abacaxis e mesmo laranjeiras, em cada moldura florística de certa extensão.

E' claro que as rodovias de primeira categoria, como a *Estrada Rio-Petrópolis*, a *Rio-São Paulo* e outras de primeira ordem, devem ter aprimorada arborização marginal, segundo rigorosos preceitos agrônômicos, satisfazendo os requisitos da Arquitetura-Paisagista.

Mesmo, porém, nessas rodovias, não há contra-indicação para o plantio de algumas fruteiras, aqui e ali, entremeiando as árvores principais: — limoeiros, laranjeiras, abacaxis, bananeiras, cajueiros, etc..

Nas rodovias de segunda ordem ou de inferior categoria não há necessidade de técnica agrônômica e paisagística rigorosa, pois nem mesmo o leito da estrada se pode então considerar sempre definitivo.

Respeitada uma certa distância do leito das estradas, conforme a qualidade ou as espécies de árvores, valerá mais ter algumas árvores de que nada, bem ou mal plantadas, aplicando-se então o lema de SARMIENTO: — “Fazer ainda que mal feito, mas fazer!”.

A razão que teve o grande educador argentino para essa recomendação, naturalmente combatida pelos partidários de “tudo ou nada” é que cada serviço, feito pela primeira vez por pessoa sem prática, em local em que tal serviço nunca se tenha feito, não pode ser logo muito bem acabado.

Assim, antes ter à beira de um caminho um cajueiro deformado pelos ventos dominantes, mas produzindo cajús para delícia dos transeuntes..., do que não se plantar cajueiros à beira dos caminhos, com receio de que o plantio não fique bem feito.

Não haverá grande mal, porque os cajueiros, mesmo tortos darão frutos, pelo menos enquanto um ou mais lenhadores não os reuzirem a lenha.

Mais tarde, desde que se crie em nossa gente do interior, por influxo da Educação Rural, a mentalidade dentrófila, isto é, amiga das árvores (ao contrário da atual que é denúrociasta ou inimiga), ninguém mais jogará fora, com a displicência com que ainda se faz hoje, as sementes de árvores, que se obtenham.

E cada semente de cajú será então tomada na devida consideração; ou será "semente" de um novo cajueiro (árvore do número das que nascem atoa nos montuos de lixo) ou servirá para o uso conhecido, em ótimos petiscos de confeitaria doméstica ou industrial, como já se faz em várias cidades do Nordeste; ou para ser exportada às toneladas.

A displicência com que se cortam cajueiros, mesmo, nas nossas praias de verão, sem plantio compensador, é uma prova nítida de nossa imprevidência, pois não há talvez fruteira que no Brasil tenha maior área de dispersão e seja mais conhecida e estimada pelos seus frutos; seu pedúnculo carnudo é muito saboroso e se presta a doces, cajuadas e sorvetes; e sua castanha, a amêndoa substitue a da Europa, em confeitaria.

O cajueiro de UMBERTO DE CAMPOS lá está, na terra natal dêste saudoso homem de letras, como um símbolo para as novas gerações.

---

O plantio de estacas pode ser feito ao longo das estradas, quando se queira ter por exemplo genipapeiros; esta rubiácea pega de galho, principalmente em lugares úmidos ou frescos e serve mesmo para cercas vivas, pois os moirões de genipapo não raro brotam quando enfiados em terreno baixo; os frutos são comidos crus ou em doces e servem para licor; as fôlhas são forrageiras; a sombra da árvore não é muito densa, pelo que não impede o crescimento do pasto.

---

Nos cabeços de pontes, há quem plante coqueiros rústicos ou alguns dos geralmente cultivados em parques e jardins.

Exercem algum efeito decorativo, sem dúvida, mas sempre que se quiser o duplo proveito, decorativo e alimentar, prefira-se o coqueiro-bambú (*Euterpe oleracea*, dos antigos autores), que dá bom palmito e que por ser cespitoso ou em touça, não perde que se tirem das touças alguns estipes, para comer os palmitos; para o mesmo duplo fim, pode-se também plantar assaí. No Nordeste, a carnaubeira ou a tamareira.

Melhor efeito ornamental e maior proveito para a alimentação popular se consegue, plantando-se, de um lado e de outro de cada cabeço de ponte, um exemplar de jambeiro vermelho, por exemplo, por ser árvore muito decorativa, de boa sombra e dar frutos apreciados principalmente pelas crianças. No Nordeste, na parte semi-árida, dos agrestes, o joazeiro, por exemplo.

Demais, o jambeiro vermelho tem uma particularidade interessante; é uma mirtácea, suas flores tem numerosos estames, de longos e espessos filetes vermelhos, os quais, por serem caducos, caem e se acumulam no chão sob a árvore, formando aí um denso tapete vermelho, sobremodo gracioso.

Esse jambeiro pode ser plantado de semente, em cova aberta no local onde tenha de ficar a árvore; sempre melhor é obter mudas em hortos, pois da muda advém mais rapidamente uma árvore.

O caimito, o sapotizeiro, a mangueira, a jaqueira, também se recomendam.

---

Não posso fazer aqui uma discriminação completa ou pelo menos muito extensa das árvores frutíferas que, por serem simultaneamente ornamentais e darem boa sombra, devem ser recomendadas, sob o critério regional, conforme a região do país, além das que já se cultivam por toda parte.

A flora amazônica é muito rica em árvores frutíferas, ornamentais e de boa sombra; não haveria mal que ao longo de rodovias amazônicas, mas a uma boa

distância do leito da estrada, se fizesse, por exemplo, uma aléia de castanheiras do Pará, entremeiadas de cajueiros, por exemplo, mas aléia bem afastada do leito da estrada, porque a queda aos ouriços oferece perigo.

O meio Norte, o Nordeste, o Brasil Central e o Sul do país tem, cada qual, suas árvores regionais, a que já me referi em minha *Fitogeografia do Brasil*.

Tendo-se em conta, porém, o valor vitamínico do limão, por exemplo, será de bom alvitre que se espalhem principalmente limoeiros pelo Brasil inteiro; tratando-se de planta lenhosa que cresce pouco, recomenda-se até mesmo para a periferia de pousos de aviões, onde parece não ser conveniente uma arborização alta; é talvez o caso de limoeiros, jaboticabeiras, golabeiras e outras pequenas árvores.

Há assim um discernimento para cada caso, em que o plantio de árvores possa apresentar inconveniente. E cada região tem suas árvores regionais a preferir, sempre que se tem em vista manter o *facies* florístico regional.

### A questão da indolência no "habitat" rural em face da fartura alimentar

Dir-se-á talvez que, espalhando-se plantas frutíferas em logradouros públicos, como são as rodovias, contribue-se, com a fartura de frutas, para a indolência do homem rural.

E' uma objeção a considerar de modo especial, não só por já ter sido feita, como indico adiante, mas também porque essa pretendida indolência do homem rural não é qualidade intrínseca deste, mas simples reflexo do *habitat*, ou uma consequência de endemias rurais.

Nos primeiros tempos do Brasil colonial, o nosso *hinterland* era opulento, imensamente farto de "frutas da terra"; a essa fartura se referiu FREI RUI PEIREIRA, em carta para Portugal, datada de 1560, de que transcrevo o trecho a seguir, constante do livro de OLIVEIRA VIANA, sobre *Populações Meridionais do Brasil*.

"Si tem em Portugal galinhas, cá as há muitas e mais baratas; si tem carneiro, cá há tantos que caçam nos matos, e de tão boa carne que me rio muito de Portugal em essa parte. Si tem vinhas, há cá tantas águas que a olhos visto me acho melhor com elas, que com os vinhos de lá; si tem pão, cá o tive eu por vezes e fresco, e comia antes do mantimento da terra que dele, e está claro ser mais sã a farinha da terra que a dele; pois as frutas, coma quem quizer as de lá, das quais temos cá muitas, que eu com as de cá me quero. E além disso, há cá essas cousas em tal abundância que, além de se darem todo ano, dão-se facilmente e sem se plantarem, que não há pobre que não seja farto com pouco trabalho".

A propósito, fez o sr. OLIVEIRA VIANA a seguinte ponderação: — "Numa terra destas, em que não há pobre que não seja farto com pouco trabalho, para que servirá ao operário rural o salário do patrão?"

Justamente essa a primeira objeção que ocorre, mas é preciso ponderar também que a fartura de alimentos não é a única ambição do trabalhador rural (\*).

Demais, essa questão de salários nos velhos tempos, como ainda hoje nos rincões onde não se exerça a sábia Lei do Salário Mínimo, parece ser antes dependente da natureza ou do montante do salário, uma questão de ganho compensador ou não.

O que a fisiologia indica, porém, como consequência natural da fartura alimentar, no homem sadio e robusto, é que os bons alimentos dotam o organismo de uma energia que o torna incompatível com a inércia.

Demais, a pretendida indolência, lastimada pelo homem da cidade quando ingressa no *hinterland*, é antes uma consequência da *indole* acentuadamente lenta do trabalho rural, onde o trator caminha sobre calhaus, e de regra não correm sobre asfalto os automóveis.

Tratando de pescadores do litoral, SÍLVIO FRÓIS ABREU, num *Esbôço das regiões naturais do Estado da Baía*, na *Revista Brasileira de Geografia*, (Jan.-1939),

(\*) No caso em aprêço, verificava-se o fato mencionado por FERNAND MAURETTE (Eol. do Min. do Trabalho, Maio de 1937, pág. 262), da riqueza da flora espontânea nas regiões tropicais e subtropical ter bastado outrora para o sustento dos habitantes.

diz o seguinte: — “As condições de vida, o tipo do habitante e mesmo a sua personalidade psíquica é tóda peculiar ao ambiente.”

Assim é de fato; se o *habitat* oferece vários eixos de produção, vários modos de vida compensadores, a atividade do trabalhador cresce em proporção, embora se tenha de reconhecer diferenças individuais.

Só pode haver grande atividade onde haja muito trabalho, muitas cousas a fazer; ao contrário onde seja nulo ou escasso, só permite atividade menor, chegando a dar a impressão de indolência, como explica FRÓIS ABREU no seguinte trecho: — “E’ a zona das fazendas de côco onde o trabalho é quase nulo e o homem se torna indolente”.

E’ a regra: — o homem torna-se indolente, onde o trabalho seja quase nulo.

Acresce que o trabalho rural, além de ser de natureza morosa, reflete também a influência das condições climáticas; o calor, quando forte, esgota energia; bom seria que, no verão, o horário de trabalho comportasse uma longa pausa, das 11 às 15 horas, isto é, nas horas mais quentes, aproveitando-se depois as horas mais frescas da tarde, das 3 às 6 para completar o dia de 8 horas, começado às 6 da manhã.

Tenho informações de que em alguns lugares do Brasil Central e no Norte é mais ou menos usado êsse critério, o que, porém, não posso informar com segurança.

E’, no entanto, a norma comum por parte de sitiantes que trabalham por conta própria, assim como pelos trabalhadores por empreitada.

Fisiologicamente considerado o trabalho braçal, não pode ser igualmente rendoso nas horas frescas e nas de sol a pino.

Em certos países, mais quentes do que o nosso, é tradicional a sesta, nas horas de maior calor; sesta não significa indolência, é consequente ao rigor do clima.

Caminhar por uma estrada soalheira, sem o abrigo de árvores que concorram com a sua sombra amiga para o conforto climático, é deveras lastimável; basta êsse motivo para que se instalem ao longo de nossas rodovias muitas árvores, sejam quais forem, desde que úteis.

Aliás, para os que lastimam, um pouco sem razão, a indolência do homem rural, a existência de árvores frutíferas ao longo das rodovias, será um fator de atividade para os habitantes que se dêem ao trabalho de colhêr frutas para a sua alimentação e para negócio.

Em seu já citado artigo sobre *Arborização das Estradas*, em *Chácaras e Quintais* de Fev. de 1940, o engenheiro-agrônomo A. Tórres de Melo recomenda o plantio preferencial de fruteiras ao longo de rodovias, com o fim, porém, da colheita regular e venda organizada das frutas, visando assim o desenvolvimento do comércio de frutas em nosso *hinterland*.

E’ um modo de ver que exalta a utilização, pela fruteira, das faixas baldias de terrenos ao longo das estradas; penso, porém, que os imperativos da alimentação adequada, dos habitantes rurais pobres e muito especialmente das crianças, são de força a nos orientar no sentido do aproveitamento dessas faixas baldias para a cultura de fruteiras, expressamente destinadas a prover de *frutas gratuitas* os habitantes rurais que as queiram colhêr, pelo menos enquanto não houver um pomar junto de cada habitação rural, como deve haver sempre muitas fruteiras nas chácaras urbanas.

*Nota:* — Aliás, com o aumento de população nas cidades e nos campos, predominando pelo número a prole das classes menos favorecidas da fortuna e que não podem adquirir frutos para as crianças, já se verifica nas cidades, paralelamente com a diminuição das áreas urbanas ocupadas por chácaras, o aumento do número de crianças que, na época das mangas, por exemplo, e que também é a época das férias escolares, perambulam pelas ruas, de chácara em chácara, a pedir que lhes dêem frutos; e se não há quem vigie as fruteiras, tiram as frutas por conta própria e não raro atirando pedras às fruteiras.

Também as grandes culturas de laranjeiras, por exemplo, teem sua freguesia gratuita dos “refugos”, dados à pobreza, como divulgou o dr. BENTO A. SAMPAIO VIDAL, em recente artigo em *Chácaras e Quintais*, de Dez. 1940, tratando do aproveitamento dos referidos “refugos” no fabrico do vinho de laranja.

Ninguém negará, por exemplo, que alguns limoeiros, esparsos ao longo de uma rodovia, sejam úteis a quem colha os limões e os aproveite, nos vários modos em que pode ser aplicado o suco de limão na alimentação humana.

Será talvez um modo indireto de combater o alcoolismo, pois quanto maior o número de limões, postos gratuitamente à disposição do homem pobre, para as limonadas, tanto maiores as probabilidades de restrição do álcool.

No Nordeste, por exemplo, deve haver sempre, em tórno ou ao lado de cada moinho de vento, instalado em poço d'água público, um bom número de limoeiros, abacaxis, mamoeiros, tamareiras, bananeiras; e ao longo das estradas, o umbuzeiro em longas aléias, dada a abundante produção dos apreciados umbús e o valor forrageiro das fôlhas para o gado caprino, como fez ver recentemente o Prof. PIMENTEL GOMES, em artigo especial sôbre esta árvore (*Chác. e Quintais*, Dez. de 1940).

Doenças diversas, alimentação deficiente, álcool, trabalho por vêzes escasso, falta de educação rural, eis um feixe de causas da deplorada indolência rural.

Promovam-se a saúde, a robustez pela alimentação sadia, a abundância de trabalho bem remunerado, e desaparecerá essa aparente e forçada indolência, no que dependa do homem são; ficará, porém, sempre dominante a índole lenta do trabalho rural que não raro se confunde com indolência do homem.

**Postulados florísticos** 1) O homem previdente transforma o aparente deserto ou a estepe em campos de culturas econômicas, parques e florestas, ao passo que o imprevidente contribue sempre para a desertização.

2) Para compensar a exaustão a que tendem inconcientemente os lenhadores e madeireiros que não reflorestam, eleve-se sempre o nível florístico de cada região, afim de melhorar cada vez mais a paisagem como atrativo do povoamento, visando a fartura natural, como garantia demográfica e o coeficiente de árvores, como fator de conforto climático e fonte de material indispensável à vida humana.

3) Sempre que possível, dê-se preferência a árvores frutíferas que sejam ao mesmo tempo ornamentais e de boa sombra.

4) O exemplo a ser dado pelos Poderes Públicos, federal, estaduais e municipais, bem como por particulares inteligentes e patriotas, deve ser o enriquecimento progressivo de cada região em árvores úteis; quanto às iniciativas governamentais, o aproveitamento de cada trecho de logradouro público, onde as árvores tenham cabimento.

5) Nas propriedades agrícolas sem reservas florestais, a silvicultura se impõe como uma necessidade econômica; na impossibilidade, porém, de ampla florestação, será muito útil o plantio pelo menos de numerosas árvores, nos campos para sombrear e dar-lhes forragem arbórea, ao longo dos caminhos para diminuir os rigores solares, e junto de cada habitação para conforto climático; se muitas árvores forem frutíferas, a propriedade passará a ser um vasto pomar, ao mesmo tempo que um rico viveiro de árvores, para extração de lenha, moirões de cerca, esteios, caibros, cabos de ferramenta, etc.

Janeiro de 1941.